

## **TERRITORIALIDADE E A QUESTÃO DE GÊNERO NA OBRA A NÚMERO UM, DE RAQUEL DE OLIVEIRA**

Aline Deyques (UFRJ)<sup>1</sup>  
Beatriz Rezende (UFRJ)<sup>2</sup>

Na literatura contemporânea temas como gênero e territorialidade têm ganhado protagonismo no que correspondem as escritas de mulheres e de escritoras contemporâneas.

Neste trabalho apresento um nome novo na Literatura Brasileira Contemporânea: Raquel de Oliveira e seu primeiro romance *A número Um* (2015). Com dois livros soltos publicados, um de poesias e um romance, e três coletâneas, Raquel tem se destacado como uma escritora que traz seu gênero e seu território como mote de sua criação literária. Nascida na Rocinha, uma comunidade do Rio de Janeiro, Raquel fará desse território um protagonista em sua obra, além de mostrar uma mulher forte e humana, com voz presente e empoderada.

O trabalho faz parte de minha pesquisa de doutorado em que trará como estudo a Festa Literária das Periferias (FLUPP), esta que lançou Raquel de Oliveira e que está divulgando diversos escritores e escritoras do Rio de Janeiro e do Brasil periféricos (as) e o romance de Raquel de Oliveira. Para este trabalho utilizo como teorias o professor de Literatura Paulo Tonani do Patrocínio e a aclamada teórica Gayatri Spivak.

Palavras-chave: Território; Gênero; Literatura Contemporânea; Identidade.

Histórias do tráfico de drogas e de seus chefes nas favelas do Rio de Janeiro são constantes, tanto nas páginas policiais dos principais jornais do país quanto em obras literárias que narram estas histórias que chamam atenção por terem personagens fascinantes pelo seu tom ficcional, uma vez que eles realmente existem.

Neste trabalho trarei uma diferenciação, não trago o estudo da história de um chefe do tráfico, mas sim, de uma chefe. Seu nome: Raquel de Oliveira. Esta chefiou o tráfico na década de 80 na maior favela da América Latina: a Rocinha. Nos anos em que o monopólio do tráfico no Rio de Janeiro era exercido por esta comunidade, onde a

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências da Literatura na Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: alindeyques@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professora titular da Faculdade de Letras da UFRJ e pesquisadora do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC/Letras/UFRJ). Pesquisadora do CNPq, é também Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ.

cocaína atingia seu auge. Raquel herdou o comando devido ao seu marido Naldo (na época o chefe) ter sido morto pela polícia na denominada Operação Mosaico. Era o fim do lendário traficante que ficou conhecido por usar fuzil e ditou moda por sua foto com uma jaqueta branca com um capuz cobrindo o seu rosto juntamente com seu fuzil chamado Jovelina.

Raquel fora revelada pela FLUPP (Festa Literária das Periferias) em 2013 numa coletânea intitulada *Poesias FLUPP Pensa* (2013) e continuou publicando sucessivamente em outras antologias do projeto nos anos seguintes. Raquel também utilizou o nome KELL como nome de escritora em outras antologias, mas por uma questão editorial ela passou a usar o nome Raquel de Oliveira.

Logo após sua primeira publicação, ela lança seu primeiro livro independente de poesias intitulado *Só por poesias* (2013) e em 2015, lança pelo Selo FLUPP seu primeiro romance *A número Um*.

Apesar do livro em questão no estudo ser o romance, falarei muito brevemente da sua primeira obra, o livro *Só por poesias*, lançado pela editora alternativa Encantarte. O livro de poesias foi feito durante o seu tratamento de desintoxicação para curar o seu vício em cocaína. O livro é dividido em 9 partes: *Do Amor...*, *Da Vida...*, *Da Morte...*, *Da Amizade...*, *Da Natureza...*, *Homenagens...*, *Da Poesia...*, *Das Deduções...* e *Do Despertar...*

Já neste livro, Raquel demonstra seu apego pelo seu território. Nascida na Rocinha e residindo na comunidade até hoje. Raquel não esquece sua origem. Os poemas mostram-se sair de seu cotidiano, em que, por exemplo, na parte intitulada *Homenagens* ao final de cada poema ela escreve uma dedicatória revelando o nome do homenageado e ou homenageada. O sujeito-lírico também fala em seus poemas sua vida no centro de recuperação, seus colegas, amigos e amigas, família e até mesmo poemas que remetam a uma religiosidade cristã.

Em um dos seus poemas chamado Rocinha, que se situa na parte das *Homenagens*, a escritora descreve seu local de origem fazendo uma homenagem ao seu território. Vejamos:

## Rocinha

Olhar a favela  
Assim tão bela  
Dessa grande janela  
Me mostra as sequelas  
Expostas, à mostra  
Como numa tela

Aonde os detalhes  
Os tais pormenores  
Como num entalhe  
Falam por si só

Aonde a vida  
Aberta em ferida  
É de Deus um milagre  
Da bala perdida  
Ou do pó

Bela Favela  
Favela bela  
São becos ruelas  
Atalhos vielas

Nascida dos passos  
De desbravadores  
De amores e desamores  
Dos que foram empurrados  
Morro acima deletados  
Marginalizados

Eu ouço o seu grito  
Às vezes aflito  
Às vezes tristão  
Ou então  
Eufórico  
Estúpido  
Melancólico

Na ânsia de só querer chamar atenção

Eu vejo sua luta  
Eu vejo a batalha  
Na eterna permuta  
De guerra e de paz  
Na vida favelada  
Que cresce aos centos  
Ao longo do tempo  
Frágil  
Fugaz

Com seu sonho lúdico  
De viver com público  
Ao redor e ao derredor  
De querer reformas gerais

Urbanas e sociais  
Um reconhecimento maior  
Ou um gesto de amor

Favela moleca  
Favela sapeca  
Morena ondulada  
De frente pro mar

Malandreada  
Bailando com a gente  
Fazendo-se amar  
Eu cresço ao te observar

*À minha morada querida Rocinha* (OLIVEIRA, 2013, p.97, 98)

Raquel, como nos mostra em suas poesias e depois colocará em seu romance *A número Um*, não teve uma vida nada confortável desde a sua infância. E é assim que Raquel começa a dialogar com seu território. Filha de pai pedófilo que tentou assediá-la inúmeras vezes, começou a cheirar cola aos 6 anos para perder a fome e aos 9 anos foi vendida para um bicheiro, à escritora aprendeu desde cedo as amarguras da vida. Teve que se masculinizar para poder sobreviver em um mundo de homens que viam somente mulheres como prostitutas ou objetos.

O livro *A Número Um* nos indica desde a apresentação de que se trata de uma história baseada em fatos reais, no caso um romance autobiográfico, pois Raquel modifica os nomes reais, para que não sofra nenhum processo e quanto aos crimes relatados no livro, a escritora teve o cuidado para ver se já estavam prescritos para que a mesma não fosse incriminada.

Júlio Ludemir, que também é escritor e tem como obras *No coração do Comando* (2002) e *Lembrancinha do Adeus* (2004), ambas tendo como tema a questão do tráfico de drogas nas comunidades fluminenses, é quem se encanta e descobre a história da autora, impulsionando-a a escrever o romance. A orelha do livro fica por conta de Júlio, em que ele diz:

Este desabrido romance vai além de tudo o que já lemos sobre o Rio de Janeiro – é uma narrativa de dentro da boca de fumo, coisa que não havia sido feita até agora, uma vez que, nos dois casos mais avançados de que temos notícia, a competência dos narradores esbarrou no fato de serem personagens externos à cena. Por melhor que tenha sido a apuração de Caco Barcellos, o jornalista sempre produz uma fala sobre o outro. E Buscapé, como o próprio Paulo Lins, era uma cria da Cidade de Deus que conviveu com a boca de fumo. Raquel de Oliveira, por sua vez, viveu na boca de fumo, e foi um dos

personagens centrais do momento em que o tráfico de drogas se impôs como aquilo que se convencionou chamar poder paralelo. Apresenta-o aqui não apenas com uma qualidade surpreendente para quem só tardiamente foi para a Universidade, mas como uma propriedade e uma coragem que até agora ninguém teve. (LUDEMIR, sem paginação, 2015)

Vemos então, no romance de Raquel, a voz de uma mulher que diferente do que vem predominando na Literatura contemporânea fala do seu lugar, de uma parte periférica e ainda aborda sua relação com o crime. Trata-se de um romance inaugural, no que condiz a voz de uma periférica e ex-trafficante, falando de dentro do seu território.

O que nos faz remeter a teórica literária Gayatri Chakravorty Spivak, no seu ensaio *Pode o subalterno falar?* (2010). Spivak além de apontar a questão da classe, coloca a questão de gênero como um fator de impedimento da fala dos subalternizados (as):

Pode o subalterno falar? O que a elite deve fazer para estar atenta à construção contínua do subalterno? A questão da mulher parece ser a mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras. Se, no contexto do Primeiro Mundo para o contexto do pós-colonial (que não é idêntico ao Terceiro Mundo), a condição de ser “negra” ou “de cor” perde o significado persuasivo (SPIVAK, p.85, 2010)

E diante desta questão as literaturas feitas por mulheres cada vez mais procuram seu espaço a partir de um sentido ético, de uma palavra forte e de luta em busca pela sua colocação no mercado editorial e a conquista em ter um público leitor.

Ainda sobre a questão da escrita feminina, o pesquisador Paulo Tonani, faz a seguinte reflexão em relação a está escrita:

A Literatura Feminina, ou Feminista, assim como a Literatura Negra, ou Afrobrasileira, podem ser tomadas como exemplos de estruturação discursiva que busca a valorização do sujeito da enunciação amparado no princípio ético. Tais movimentos literários possuem como fundamento identificar o sujeito na situação que descreve, como objeto do conhecimento que propõe recortar, a partir de sua particularidade, seja de gênero (gender) ou raça. Um exame das estratégias discursivas fundadas por estes dois grupos, ambos minorias – em consonância com os autores marginais – nos auxilia na construção de uma leitura mais ampla da Literatura Marginal e na elaboração de possíveis questionamentos sobre seu estatuto.

Marginal, Feminista ou Afrobrasileira, na perspectiva que almejo oferecer a estes movimentos, não são apenas adjetivos alocados à palavra Literatura; são, em seu sentido mais amplo, a demarcação de uma territorialidade no âmbito da produção discursiva. A adjetivação, nesse sentido, perpassa pela busca de uma esfera de legitimação,

delimitando os espaços fronteiros entre produções discursiva que exprime os desejos de um sujeito opressor – que pode ter a feição do gênero masculino, branco, e em alguns casos de ambos – e a produzida por um grupo minoritário.

(...) Na Literatura Feminista, identificada como uma produção literária gendrada, a prática literária é transformada em um espaço de construção simbólica, estruturando um discurso sobre e do gênero minoritário. O feminino passa a ser concebido como uma construção cultural, e não um dado ofertado pela natureza. Os discursos sobre o feminino, em uma lógica feminista, perpassam por uma discussão sobre sua posição na sociedade e, principalmente, na utilização dessa estrutura como referência em sua atuação social. (PATROCINIO, p.39-40, 2013)

No entanto, a obra de Raquel trata-se de um romance ambíguo no que condiz a considerar um romance feminista ou de temática feminina. Sim, a história é de uma mulher, sim a voz é de uma mulher, mas a narradora, denominada “Bonitona”, por sua criação e pelos códigos que ela deveria seguir para sua própria sobrevivência naquele lugar, teve inúmeras vezes que se masculinizar e seguir os preceitos adotados pelos homens daquele lugar, o que deve se deixar bem claro que isso não torna a obra desqualificada em relação à voz feminina, mas sim, fortalece a questão de um discurso que mostra o quanto as mulheres são oprimidas em relação ao seu gênero, mesmo tendo um poder consentido e reconhecido.

Voltando ao livro, em algumas passagens a narradora diz como era seu comportamento diante dessas questões. No capítulo denominado “A origem: A afilhada do bicheiro”, um dos mais fortes capítulos devido à história, Bonitona narra sua infância até o final de sua adolescência e é em passagens como das páginas 122 e 123 que vemos como a personagem forma-se em relação ao mundo:

Fui vendida ainda menina. Tinha 9 anos, quando minha avó viciada no jogo do bicho e na roleta, me levou enganada até a parte baixa da favela, onde eu não conhecia nada, e me vendeu (...)Fui entregue àquele homem sem dó nem piedade. Não que eu quisesse comover os outros com a miséria em que vivia. Ao contrário, tinha era orgulho. Orgulho de criança abandonada que, sem entender direito como nem por quê, aos 2 anos já era trancada no barraco dos próprios pais, - minha casa, o lugar onde nasci. Trancada por aqueles que, até os 6 anos, eu achava serem minha família. Às vezes uma semana inteira, sem comida e sem ninguém. (OLIVEIRA, 2015, p. 122-123)

E continua nas páginas seguintes em que narra como aprendeu a ler e a escrever na casa onde sua mãe trabalhava como empregada doméstica, como sua avó a maltratava queimando-a quando criança com água quente, fazendo a ficar internada no hospital com sérias queimaduras aos 4 anos de idade, quando seu pai aos 6 anos se

mostrou um pedófilo tentando abusá-la em uma saída em que eles tinham ido à praia e depois como fora abandonada pelos seus pais em sua própria casa aos poucos, até ser levada ao bicheiro que a comprou.

Bonitona, mesmo tendo sido vendida para servir o bicheiro, acaba se salvando da vida de prostituta e vai trabalhar no barracão da escola de samba com os homens e meninos que também tinham uma história parecida com a sua. Acaba criando um carinho de filha com o seu comprador, o chamando de Padrinho e ele também, na sua forma, zelava pela mesma, como Bonitona relata:

Meu padrinho tinha medo que eu me transformasse em uma “mulher-homem”, que era como se chamavam as lésbicas, que naquela época eram incomuns. O banqueiro da parte alta do morro tinha uma afilhada assim, e meu padrinho, sempre me pegava jogando bola ou soltando pipa, ou em outras brincadeiras de menino, me surrava e me proibia de sair por um tempão. Eu ficava presa no barracão, trabalhando. Depois ele esquecia e voltava para minha rotina de bicho solto. Nisso passei a andar na área da turma de maconheiros da Raiz e lá conheci o meu primeiro amor- um amor impossível, já que o cara era ladrão de bancos e bandido ruim, o que meu padrinho jamais aprovaria. (...) Meu primeiro namorado firme, foi o padrinho quem escolheu. Era bancário e um bom homem, filho de policial. Pode parecer estranho, mas policia e jogo do bicho sempre andaram juntos e sempre se misturavam. (OLIVEIRA, 2015, p. 150-151.)

E é nesse namoro que Raquel descobre a sexualidade e o silenciamento que deveria ter em relação ao sexo, algo que anos mais tarde identificaria sua compulsão por tal.

Apesar de gostar muito de sexo, os padrões dessa época eram muito preconceituosos e as meninas que fodiam com qualquer um eram mal vistas e podiam ser vítimas de inúmeras covardias, como curras e desmoralização em público. Eu tinha que manter a moral. Afinal, eu era a Bonitona. (OLIVEIRA, 2015, p. 151)

Bonitona ganha sua primeira arma aos 12 anos de idade, tornando-se contadora e vendedora do seu padrinho quando as drogas começaram a entrar na favela e ainda era um negócio do jogo do bicho. Aos 15 comete seu primeiro assassinato, mais uma vez se defendendo de um homem e neste caso, de um estupro:

Continuei minha escalada nessa vida com o padrinho até os 15 anos quando fiz minha primeira vítima, ao levar uma partida grande de maconha para um comprador no Boiadeiro. Para me pagar, o cara pediu que eu subisse com ele até seu apartamento, e lá tentou me violentar. Ficou estendido no sofá com várias facadas pelo corpo. Quando voltei com a grana e os pesos, meu padrinho adivinhou o que tinha acontecido. Me botou de castigo e colocou Amazildo para vigiar

o lugar. Só descobriram o corpo quatro dias depois. (OLIVEIRA, 2015, p. 154)

Assim Bonitona marca sua entrada para o mundo crime, pois na vida do tráfico, ela faria mais vítimas.

O capítulo termina quando o tráfico de drogas e o jogo do bicho se separam definitivamente, mudando assim algumas regras do lugar, como pedofilia ser considerada crime e o fim da venda de crianças para os bicheiros:

Com o rompimento que separou definitivamente os dois maiores poderes da favela, um certo romantismo heróico passou a encobrir a verdadeira face dos bandidos da favela. Uma nova fase começava a aparecer, como valores e hábitos novos, enterrando velhos costumes que caíram, estavam a pedofilia, que passou a ser punida com morte, e a venda de crianças, que já não era necessária por que as bocas de fumo, podia apadrinhar tanto as crianças quanto as famílias miseráveis com uma política assistencialista mais agressiva.

Entre as leis que agora vigoravam, uma que marcou a minha vida para sempre foi a que dizia que “mulher de bandido dorme na beirada da cama”. Ela me mostraria que o amor, mesmo entre bandidos, podia ser incondicional, acima do bem e do mal. Esse amor me condenaria à solidão, à busca louca pela morte e à tentativa inútil de anestesiá-la a saudade de uma época que até ali tinha sido a mais feliz que eu pudera viver. (OLIVEIRA, 2015, p. 156)

A construção do livro não contém uma linearidade em sua narração. A divisão dos capítulos é feita da seguinte maneira: *A primeira guerra, A ocupação – Operação Mosaico I, O início do fim, A Origem – A afilhada do bicheiro, O cubo mágico, De frente no Morro – A segunda Guerra, Epílogo: A guerra final.*

Nos outros capítulos, Bonitona narra a sua vida no tráfico de drogas e seu amor pelo personagem Pará, traficante do local. Eles se conhecem ainda na adolescência, mas somente após dois casamentos da narradora eles voltariam a se encontrar e teriam um caso.

Como cenário para esta parte da história tem-se a Rua Um e Rua Dois, rua esta onde ficava a sede do tráfico, que ficou bastante conhecida pela operação Mosaico I, no enredo, também são citados outros espaços como São Gonçalo, onde Pará fora capturado e o Vidigal que após a morte de Pará, o traficante do local ajuda Bonitona a retomar o tráfico na favela da Rocinha, lugar do qual ela sempre teve e demonstrou forte ligação, tanto por ser o seu lugar de nascimento, tanto por ter sido onde viveu seu grande amor.

Neste trecho a narradora fala sua visão da Rocinha e de Pará em contraponto com o que jornalistas, policiais e políticos diziam do lugar na época:



A rua Dois cheirava a sangue. Pareciam abutres.

“Odeio jornalistas! Testemunharam tudo e colocaram lenha na fogueira, pensei.

Pará deu entrevista e se deixou fotografar, estava confiante, já que na época a presidente da associação de moradores na Rua Um recebia vários políticos. Um deles disse ao pai que a Rocinha era inexpugnável. E, ele iludido, péssimo político, acreditou, deixando-se levar pela arrogância e expondo mais e mais, até deixar o governador do Rio de Janeiro melindrado. Nessa época, me manteve afastada de todas as ações. Vivia rodeada de seguranças e só podia ir aonde ele deixasse e estivesse. Aí ficava agarrado comigo o tempo todo. Com aquele abraço de urso que eu detestava. Dizia o tempo todo:

- Inexpugnável! A Rocinha é inexpugnável! – Eu sabia que ele sabia o que queria dizer com aquela palavra, mas sabia também que aquela guarida para bandido era puta de uma ilusão e podia sentir nos ossos que uma tempestade viria por ali para cair bem em cima de nós. (OLIVEIRA, 2015, p. 62-63)

A obra tem uma linguagem acessível, por vezes com desvios de revisão, onde se repetem palavras ou faltam às mesmas, mas nada que comprometa o entendimento da narrativa. Com o uso de um tom testemunhal, como já comentado acima, é que a narradora vai contando sua história de amor e fúria para os leitores e leitoras que admiram, consomem e se interessam por narrativas dessa atmosfera.

A obra *A número Um* é uma história de amor, mesmo estando centrada numa atmosfera em que passam pedófilos, bicheiros, bandidos, traficante, drogas, pobreza.

É um livro humano, que mostra erros e acertos de uma mulher que tinha tudo para dar errado, mas que no final ainda tem seu caminho modificado ao não continuar na vida do crime e a tentar uma nova vida, travando sua luta contra a dependência química, longe do crime e procurando um caminho através da poesia e dos estudos.

**Referências:**

OLIVEIRA, Raquel de. *Só por poesias*. Rio de Janeiro: Encantarte, 2013.

\_\_\_\_\_. *A Número Um*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.

PATROCINIO, Paulo Roberto Tonani do. *Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira*. Rio de Janeiro: 7 letras/FAPERJ, 2013.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.